

Criação e construção de formas plásticas em espaço bi e tridimensional: uma proposta do Subprojeto de Artes Visuais do PIBID-UNICAMP

*Building and creation of artistic shaping in
two-dimensional and three-dimensional spaces: a
proposal of the Visual Arts' Subproject of
PIBID-UNICAMP*

MILENA QUATTRER* & CAROLINA PEREIRA DOS SANTOS**

Artigo completo submetido a 15 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio de 2016.

*Brasil, artista visual e professora da Rede Municipal de Campinas/ SP, Brasil. Mestre em Artes Visuais, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciatura e Bacharelado em Educação Artística — Artes Plásticas, UNICAMP.

AFILIAÇÃO: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Rua Elis Regina, 50 — Cidade Universitária, Barão Geraldo — Campinas / São Paulo, CEP: 13083-854 Brasil. E-mail: milenaquattrer@gmail.com

**Brasil, aluna do curso de Graduação em Artes Visuais nas modalidades Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e bolsista do subprojeto de Artes Visuais, UNICAMP, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da CAPES.

AFILIAÇÃO: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Rua Elis Regina, 50 — Cidade Universitária, Barão Geraldo — Campinas / São Paulo, CEP: 13083-854 Brasil. E-mail: piscar.ol@hotmail.com

Resumo: Pretende-se apresentar reflexões geradas a partir da proposta de ensino-aprendizagem em Arte — desenvolvida pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-UNICAMP) em uma escola municipal de ensino básico localizada no município de Campinas/SP, Brasil — cujo objetivo era trabalhar a criação de formas plásticas em espaço bidimensional e sua transposição para o espaço tridimensional.

Palavras chave: Arte / educação / formação de professores / PIBID.

Abstract: *This article aims to present reflections generated from the teaching-learning proposal in art — developed by the Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-UNICAMP) in a municipal elementary school located in the city of Campinas / SP, Brazil — whose purpose was the building and creation of artistic shaping in two-dimensional and three-dimensional spaces.*

Keywords: *Art / education / teacher training / PIBID.*

Introdução

As reflexões aqui apresentadas foram geradas a partir da proposta de ensino-aprendizagem em Arte denominada ‘Casa Maluca’, desenvolvida pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-UNICAMP) em uma escola municipal de ensino básico localizada no município de Campinas/SP, Brasil. O PIBID é uma iniciativa do governo federal brasileiro que objetiva o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica, por meio da inserção de estudantes de licenciatura das Instituições de Educação Superior (IES) no contexto das escolas públicas. Para tanto, através de subprojetos que contemplam diferentes áreas do ensino básico, o PIBID concede, dentre outras coisas, bolsas: de iniciação à docência (ID) a alunos de licenciatura; de coordenação ao docente de licenciatura da IES que coordena o subprojeto; e de supervisão ao docente da rede básica de ensino, que recebe e supervisiona os bolsistas ID na escola.

1. Concepção e execução da proposta ‘Casa Maluca’

A proposta ‘Casa Maluca’ foi elaborada pelos participantes do subprojeto de Artes Visuais do PIBID-UNICAMP com o objetivo de trabalhar a criação e construção de formas plásticas em espaço bidimensional e sua transposição para o espaço tridimensional a partir do tema transversal ‘a relação dos seres vivos com seu meio’ sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais — Arte (Brasil, Secretaria De Educação Fundamental, 1997). Em concordância com o Projeto Político Pedagógico da escola, optou-se por trabalhar a proposta ‘Casa Maluca’ em duas turmas de 25 alunos matriculadas no 4º ano do ensino fundamental, com idades entre 9 e 10 anos, tendo como princípio norteador a Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa. Segundo Barbosa:

(...) os professores nos têm ensinado o valor da contextualização tanto para o fazer como para o ver. O processo pode tomar diferentes caminhos /CONTEXTO\FAZER/ CONTEXTO\VEROUVER/ CONTEXTUALIZAR\FAZER/ CONTEXTUALIZAR\ ou ainda FAZER/ CONTEXTUALIZAR\ VER/ CONTEXTUALIZAR. Assim, o contexto se torna mediador e propositor, dependendo da natureza das obras, do momento, e do tempo de aproximação com o criador. (Barbosa, 2012: XXXIII)

Desse modo, propôs-se aos alunos o estudo dos tipos de moradias e construções presentes em diferentes culturas no mundo e no Brasil, através da apreciação de imagens projetadas em sala de aula, tais como as casas de alvenaria, iglus, ocas, palafitas, etc. Através dessas imagens, foi possível discutir a relação entre o homem e o meio em que vive, levantando questões acerca de sua relação com a natureza e com as matérias-primas disponíveis em cada região.

A partir da apreciação, foi solicitado aos alunos que se organizassem em grupos de três crianças para a concepção e desenvolvimento de sua própria moradia, denominada ‘Casa Maluca’. As condições da proposta eram:

- (i) conceber um tipo de moradia com a qual eles sonhassem, que fosse divertida, inusitada e lúdica;
- (ii) conceber e planejar a ‘Casa Maluca’ utilizando como instrumentos de projeto o desenho de fachada, a planta-baixa e o texto descritivo;
- (iii) desenvolver e finalizar o projeto da ‘Casa Maluca’ com materiais reutilizados (papelão, isopor, tampinhas de garrafa PET, etc.), tecidos e tinta guache.

Observou-se em todos os grupos que a concepção da ‘Casa Maluca’ se deu inicialmente a partir da forma exterior da casa, através de discussões e do desenho de fachada que foi modificado algumas vezes até chegar a sua versão final. O interior foi pensado posteriormente, já com a fachada definida. No entanto, as formas utilizadas para representar a planta baixa nem sempre correspondiam ao formato da fachada. E, nessa etapa, a intervenção da professora-supervisora e dos bolsistas ID se fez necessária para que os grupos se atentassem a isso (Figura 1).

Aos poucos, os desenhos foram tomando formas de monstros (Casa-Monstro), de frutas gigantes (Casa-Abacaxi), de comidas (Casa-Pastel), etc. Um dos alunos chegou até a cogitar a possibilidade de se poder comer sua casa um pouquinho a cada dia. A turma riu e achou muito curiosa a ideia. Outros alunos, por sua vez, assumiram que estavam criando lugares para morar de verdade,



Figura 1 · Bolsista ID em atendimento aos alunos durante o processo de concepção da fachada da 'Casa Maluca'. Fonte: própria.

Figura 2 · Desenho de fachada da 'Casa Maluca' de um dos grupos. Fonte: própria.



Figura 3 · Bolsista ID manuseando a cola-quente com um aluno para a construção de uma escada. Fonte: própria.

Figura 4 · Aluno revestindo a caixa de sapato com tecido. Fonte: própria.

que iriam além do papel, da maquete e da sala de aula. Ouviu-se um aluno dizer ao outro na etapa de concepção 'Ah! Vou fazer um quarto de visitas, aí você pode dormir em casa'. Isso demonstra os aspectos lúdicos e prazerosos do fazer artístico e o quanto as propostas de ensino-aprendizagem em Arte podem e devem proporcionar aos alunos a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas com base em intenções próprias e em consonância com a produção histórica e social da Arte (Figura 2).

Segundo Huizinga:

As grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde início, inteiramente marcadas pelo jogo. (...) Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza. (Huizinga, 2008: 7)

Apesar de se sentirem muito à vontade com a proposta, durante o processo de concepção e desenvolvimento, alguns alunos mostraram certo desconforto ao desenhar. Como era de se esperar, alguns alunos reclamaram das dificuldades em transpor uma ideia para o papel, para eles parecia muito mais fácil explicar oralmente suas ideias e sugestões do que desenhá-las. De acordo com Martins, Picosque e Guerra:

A produção expressiva da criança de 9 e 10 anos ganha complexidade, mas pode ser subjugada pelo sentimento de inferioridade. É comum nessa idade a frase: 'Não sei desenhar'. Isso pode emperrar sua intenção estética, se o educador não oferecer desafios para a conquista de sua poética pessoal. (Martins, Picosque & Guerra, 1998:114)

Desenvolver o desenho da planta-baixa da casa, em especial, apresentou aos alunos embates técnicos a serem superados em grupo: o uso da régua, o respeito às proporções, o desenho em escala, a distribuição e organização do espaço. Era muito comum, por exemplo, um quarto de dormir menor que o banheiro, o que não era algo pensado de acordo com o projeto, e sim por um erro na distribuição dos espaços. Frente a isso, a professora-supervisora e os bolsistas ID atentavam os grupos a essas questões e incentivavam os alunos a superarem as frustrações e encararem as dificuldades em desenhar como oportunidades de aprendizagem.

Ao fim desta etapa, os alunos partiram para a construção do que haviam planejado no papel. E, para transpor as propostas para o espaço tridimensional, os alunos trouxeram de casa materiais que iriam para o lixo, mas que tinham

um potencial de serem reutilizados, tais como retalhos de tecido, caixas de sapato, embalagens de diversos modelos e tamanhos. E, assim como nos exemplos de moradias apreciados durante a discussão em sala de aula, os alunos perceberam as limitações impostas pelos materiais que selecionaram e que estavam disponíveis para a construção das maquetes. Ao contrário da fase de planejamento no desenho de projeto sobre papel, que aceita, por assim dizer, todo tipo de ideia, a etapa de transposição para o espaço tridimensional exigiu dos grupos adaptações e modificações em seus projetos. Nesse momento, os alunos começaram a perceber que era preciso ter planejado a casa já com um conhecimento prévio mais aprofundado das características dos materiais que seriam usados em sua execução.

O papelão, por exemplo, apesar de ser o material mais utilizado e versátil para o que pretendiam (paredes, móveis, portas e janelas), gerou muitas dificuldades aos alunos devido a sua espessura. Cortar ou dobrar esse material demandou, mais do que força, pensamento estratégico, tal como dividir as tarefas e revezar entre o grupo aqueles alunos que iriam cortar o papelão, para que ninguém se cansasse demais. Além do mais, o manuseamento de instrumentos cortantes e perigosos, como o estilete e a cola-quente, foi limitado apenas à professora-supervisora e aos bolsistas ID (Figura 3). Desse modo, foi necessário que os grupos se organizassem para que todos pudessem ser atendidos.

Quanto ao uso da cor, observou-se que alguns grupos pouco exploraram a mistura de diferentes pigmentos em seus trabalhos, se limitando às cores disponíveis no jogo de tinta guache (seis cores) ou mesmo do lápis de cor (doze cores). Ao mesmo tempo, havia também aqueles projetos que priorizaram a cor do próprio material utilizado (papelão, isopor, plástico) nas maquetes, ou mesmo preferiram trabalhar com colagem de tecidos e papel colorido (Figura 4, Figura 5 e Figura 6). De todo modo, as observações permitiram afirmar que em propostas de ensino-aprendizagem como a 'Casa Maluca', a cor apareceu como um dos elementos de destaque, sendo também usada como critério de avaliação no julgamento estético ao longo do processo de concepção, desenvolvimento e avaliação dos trabalhos.

Observou-se que a personalidade de cada integrante do grupo interferiu na realização do trabalho. Alguns alunos entendiam que era preciso que comandassem as ações e decisões, outros, por sua vez, se sentiam extremamente incomodados com isso e reclamavam com o grupo, com a professora-supervisora e bolsistas ID. Havia também aqueles que não se contentavam em ter apenas uma função em seu grupo, ou mesmo um grupo único para trabalhar, e necessitavam estar em constante movimento, ajudando os outros, dando



Figura 5 - Aluna pintando com tinta guache parte da 'Casa Maluca' construída com garrafa PET. Fonte: própria.

Figura 6 - Alunos na exposição 'Casa Maluca'. Fonte: própria.

palpites, conforme a necessidade e receptividade dos outros alunos. Também foi possível observar que algumas crianças, que discordavam muito dos rumos que o projeto de seu grupo estava tomando, acabaram se identificando com outros projetos e trocaram de grupo por conta própria, com pouca ou nenhuma intervenção da professora-supervisora e dos bolsistas ID.

2. Exposição 'Casa Maluca'

Ao final da proposta, os alunos ficaram tão animados e satisfeitos com o trabalho que propuseram a realização de uma exposição coletiva, envolvendo as duas turmas de 4º ano, para que pudessem finalmente apresentar e falar sobre sua 'Casa maluca' aos outros alunos da escola, professores, equipe gestora e funcionários. Sendo assim, com apoio e orientação da professora-supervisora e dos bolsistas ID, os alunos organizaram a exposição e convidaram a todos da escola para apreciarem seus trabalhos. Cada grupo ficava próximo a maquete de sua 'Casa Maluca, juntamente com o projeto de fachada e planta-baixa para poder apresentar e explicar todos os detalhes do projeto, desde sua concepção, até a finalização (Figura 6).

3. Processo de avaliação

Entende-se a avaliação em Arte como processual, contínua e formativa, de modo a verificar o repertório artístico/estético que os alunos possuem em cada linguagem artística, detectar quais são as dificuldades apresentadas e superadas durante o processo de ensino-aprendizagem. Bem como a valorização das fontes de documentação, preservação e acervo da produção artística dos alunos (Brasil, Secretaria de Educação Fundamental, 1997). Sendo assim, após a Exposição 'Casa Maluca', os alunos foram convidados a avaliar o seu trabalho e o trabalho dos colegas.

Organizados em grupos, solicitou-se que escrevessem em uma folha de sulfite os pontos positivos e negativos acerca de todo o processo da 'Casa Maluca'. Já em roda, os alunos foram estimulados a ler e discutir esses pontos, socializando com toda a turma suas críticas e sugestões acerca de seu trabalho e do trabalho dos colegas, de modo a compreender o seu processo criativo e o do outro. É importante ressaltar que a avaliação em roda foi gravada em vídeo pela professora-supervisora para posterior análise, juntamente com os bolsistas ID, das falas dos alunos. Os grupos então tiveram a oportunidade de falar abertamente sobre os conflitos que enfrentaram durante todo o processo, como a dificuldade de se trabalhar em grupo e de gerir o tempo que tinham em aula. Eles também aproveitaram o espaço para apontar os aspectos de que gostaram



Figura 7 - Alunos sentados em roda durante a avaliação da 'Casa Maluca'. Fonte: própria.

Figura 8 - Maquete da 'Escola Maluca'. Fonte: própria.

como, por exemplo, a responsabilidade e confiança que lhes foram depositadas durante todo o processo de concepção e execução do trabalho, a diversidade de materiais de que puderam usufruir e a ideia de que podem se utilizar de objetos que seriam descartados, como uma garrafa PET ou embalagem de iogurte, para construir algo que tem valor estético e lúdico (Figura 7).

Outro aspecto positivo apontado pelos alunos foi a presença dos bolsistas ID em sala de aula, que, auxiliando a professora-supervisora, puderam dedicar maior tempo e atenção a cada grupo de trabalho, algo essencial para o acolhimento e desenvolvimento das ideias que cada aluno propôs.

De modo geral, durante essa avaliação, pode-se observar que as turmas se sentiram um pouco mais livres e seguras para falar sobre o trabalho do colega. A avaliação em grupo instrumentaliza a turma e dá a ela critérios que servem tanto para avaliar, como para nortear a sua própria produção. Além do mais, percebe-se que alguns alunos tomam atitudes mais justas, por assim dizer, com relação ao seu trabalho e a de seus colegas, apontando esse ou aquele grupo que para o seu entendimento fez um trabalho mais adequado à proposta ou melhor acabado.

4. Oficina 'Escola Maluca'

Um dos desdobramentos da proposta de ensino-aprendizagem 'Casa Maluca' foi a Oficina 'Escola Maluca', oferecida pelo do subprojeto de Artes Visuais do PIBID-UNICAMP no I Seminário Experiência em Estágio Docente, VII Encontro e II mostra do PIBID-Unicamp e XII Encontro de Estudantes de Graduação dos Cursos de Formação de Professores da Unicamp, realizado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, nos dias 26 e 27 de novembro de 2015, em Campinas/SP.

A proposta da oficina foi trazer para o espaço de discussão da universidade a experiência de se trabalhar os aspectos lúdicos e prazerosos do fazer artístico. Desse modo, as turmas de 4º ano que participaram da 'Casa Maluca', elaborou o projeto de cinco 'Escolas Malucas' a serem executados pelos adultos participantes da oficina. O projeto da 'Escola Maluca' foi composto por um texto descritivo e por dois desenhos (fachada e planta-baixa da 'Escola Maluca' concebida pelos alunos). Os participantes da oficina, divididos em grupo, construíram maquetes a partir dos projetos elaborados pelos alunos. As maquetes foram então apresentadas aos alunos em uma exposição na EMEF Profa Dulce Bento Nascimento, juntamente com os projetos originais. As impressões e comentários dos alunos foram registrados pela professora-supervisora e pelos bolsistas ID para discussão ocorrida posteriormente sobre a escola em que eles gostariam de estar.

Conclusão

As experiências com a 'Casa Maluca' demonstraram os aspectos lúdicos e prazerosos do fazer artístico e o quanto as propostas de ensino-aprendizagem em Arte podem e devem proporcionar aos alunos a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas com base em intenções próprias e em consonância com a produção histórica e social da Arte. E, desse modo, contribuíram tanto no processo de formação dos bolsistas ID, muitos ali atuando pela primeira vez em uma sala de aula de forma ativa, quanto dos alunos do 4º ano, que se depararam com embates técnicos e de ideias a serem superados e discutidos.

Referências

Barbosa, A. M. (2012). *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva.

Brasil, Secretaria de Educação Fundamental (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: arte: ensino de primeira à quarta série*.

Brasília: MEC/SEF.

Huizinga, J. (2008). *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva.

Martins, M. C., Picosque, G. & Guerra, M. T. (1998). *Didática do ensino de arte: a língua do mundo*. São Paulo: FDT.